



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

RELAÇÕES RACIAIS E POESIA NEGRA: IMPLICAÇÕES E ENGENDRAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL¹

Isabel Leslie Figueirêdo de Menezes Lima²
Mestranda em Crítica Cultural, Uneb, Campus II
Orientador: Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira

A escola se constitui como um dos principais dispositivos por meio do qual há transmissão de ideias e tem no currículo uma de suas ferramentas mais eficazes. (ALTHUSSER, 1998) Este, oras encobrindo, mascarando e/ou explicitando os principais objetivos do ensino e aprendizagem. O currículo promove a difusão de valores, das normas de convívio, dos padrões sócio-culturais inerentes à vida comunitária. No entanto, o faz de maneira informal e não explícita, permitindo uma afirmação positiva da identidade de um determinado grupo social em detrimento de outro. Aspecto este que geralmente assegura a reprodução da estrutura social existente. (SILVA, 2001, p. 11).

Esta comunicação é um recorte do primeiro capítulo da dissertação intitulada: *Transtextualidades em poesias negras diaspóricas, usos e sentidos na educação multicultural* e trata-se de uma pesquisa em torno de identidade, relações raciais, poesia negra e educação multicultural. Objetivando traçar diagnósticos e reflexões em torno da identidade negra, a pesquisa de campo é adotada como uma das metodologias, onde questões como eventos educacionais e diálogos com educadores são evidenciadas.

Também objetiva-se perceber o tratamento atribuído a poesia negra brasileira, tanto em materiais pedagógicos de Literatura Brasileira do Ensino Médio, quanto em obras de teóricos da Negritude Poética Brasileira e para tanto foram analisados alguns livros didáticos de tempos, editorações e autorias diferentes, *Literatura Brasileira* dos/as autores/as José de Nicola, William Cereja, Theresa de Magalhães e os que compuseram a Enciclopédia do Estudante de Literatura de Língua Portuguesa.

Percorrendo as escolas destaca-se um acontecimento ocorrido no ano de 2010, numa apresentação da educadora e intelectual negra Vanda Machado, na Semana

¹ Comunicação a ser apresentada no Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais (CONLAB).

² Isabel Leslie Figueirêdo de Menezes Lima. Mestranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia. Pós-Graduada em Metodologia do Ensino Superior, Faculdades Integradas Olga Mettig. Licenciada e Bacharel em Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia. Orientador: Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: isabel.fmlima@gmail.com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pedagógica de Alagoinhas. Este, voltado a professores do município de Alagoinhas, no ano vigente com o tema: Africanear³: *Raízes e faces afro-brasileiras da educação de Alagoinhas*.

Em dado momento, ao explicar a participação da população negra na sociedade, Machado convoca as pessoas (em sua maioria professoras/es) presentes na palestra a cantar: *Ekú Ojobi!*⁴ Diante deste chamamento há um silêncio, quebrado apenas após uma segunda convocação da educadora ao assegurar que o termo é uma evocação em *ioruba* correspondente a festejos relacionados a aniversário. Mediante tal exemplo, é visível o quanto as línguas europeias são consideradas superiores, divinamente inspiradas, e as africanas inspiradas por uma força negativa.

Num mundo completamente homogêneo, se as pessoas partilhassem da mesma identidade, não se faria sentido afirmá-la ou negá-las. No entanto, conforme os conceitos estruturalistas e posteriormente, pós-estruturalistas, as línguas não são pré-fixadas, mas carregam significados construídos. (DERRIDA, 2001)

A *virada linguística*, expressão que se relaciona a concepção pós-estruturalista da língua, amplia os sentidos de *langue* e *parole* atribuídos por Saussure, afirmando a noção da arbitrariedade dos signos. Derrida reforça a desconstrução do binarismo, dualismo, antagonismo predominante na visão de mundo europeia, de “pensamento cartesiano e maniqueísta, onde tudo tem que ser dominado por princípios absolutos ou opostos, bem ou mal, bonito ou feio, tudo ou nada, corpo ou alma, ‘oito ou oitenta’, isto ou aquilo”. (CASTRO, 2002, p. 128-129). Discursos veiculados principalmente na religião, mídia e literatura.

Algumas práticas como a escravidão, opressão racial, o colonialismo contaram com a divulgação e elegia por parte de diversas obras literárias, artísticas, midiáticas, filosóficas. A partir da percepção de que as culturas fomentam a ideia de pertencimento nacional e de divulgação do “outro” e conseqüentemente, suas culturas, modos de ver o mundo, como um inimigo / mal a ser combatido e vencido. (SAID, 1995, p.14)

De semelhante forma, é na cultura que se dá a luta pela ressignificação, por meio da qual, grupos subordinados intentam resistir à imposição de significados e ações que sustentam os interesses dos grupos dominantes. (HALL, 2003, p. 138)

³ Este termo Africanear corresponde a um neologismo composto pela derivação que sintetiza a soma da palavra África a palavra inglesa *near*, que, traduzindo para o português, significa próximo.

⁴ *Parabéns para você*, em língua *ioruba*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Dentre os problemas mais comuns, no que diz respeito a dificuldade em trabalhar com questões raciais em sala de aula, está na ideia, por vezes ainda corrente, que o problema do/a estudante negro/a é somente econômico, não considerando a questão racial e cultural, pautadas na ideologia da Democracia Racial. Desta forma, algumas questões podem ser pensadas, tais como: há necessidade de cotas para negros/as de classe sócio-econômica menos favorecida ou para o estudante pobre, independente da cor? E, é realmente preciso inserir questões das africanidades e afrobrasilidades no currículo educacional?

Já é amplamente discutida questões como a importância da afirmação da identidade negra decorrente da diáspora africana, totalmente diferenciada em relação a diáspora europeia, conforme indicado por Édouard Glissant (2005). Em termos de políticas sócio-culturais-educacionais, o racismo no Brasil teve, e ainda tem suas “leis”, a imposição da língua portuguesa como oficial, por Marquês de Pombal; a queima de arquivos relacionados a matrizes culturais negras, africanas e afro-descendentes, por Rui Barbosa; perseguição aos sambistas, capoeiristas e aos pertencentes a religiões de matriz africana.

Quanto aos estudos literários e culturais, problemáticas podem ser pontuadas como o fato da vida e da obra de escritores/as como Luís Gama, Solano Trindade e Conceição Evaristo, entre muitos outros e outras, não fazerem parte dos livros didáticos de Literatura e, conseqüentemente, do seu reconhecimento no âmbito educacional e social.

O multiculturalismo precisa ser evidenciado não só em sala de aula ou no livro didático, mas em toda uma sociedade que, com o avanço dos Estudos Culturais, tem aos poucos evidenciado as manifestações sociais minoritárias. Identidades rizomáticas, têm sido percebidas como multiétnico-racial, mas, contraditoriamente, ainda com expressão de verdades universalizantes e totalitárias. (SODRE, 2005) “O multiculturalismo representa uma ruptura epistemológica com um projeto de modernidade assentado sobre a homogeneidade, valorizando, em seu lugar, a discussão sobre as diferenças.” (CANEN, 2001, p. 68).

Também obstáculos epistemológicos precisam ser trabalhados não só em sala de aula ou no livro didático, mas em toda uma sociedade que, com o avanço dos Estudos Culturais, tem por manifestações sociais minoritárias. Aos poucos estas manifestações



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

têm sido percebidas como multiétnico-racial, mas, contraditoriamente, ainda com expressão de verdades universalizantes e totalitárias. (SODRÉ, 2005)

Tais exemplos vão desde a maneira de lidar com as religiosidades de matriz africana, a estética corporal, rítmica na maneira de contar as poesias negras; bem como os valores contidos, mesclando falares populares, a crítica social e visão diferenciada quanto ao modo de valorização da ancestralidade, da natureza como entes fundamentais ao equilíbrio e dinâmica da sociedade, questões que se tornam conflitantes e rasurantes no âmbito da hegemonia cultural ocidental.

O dia que simboliza a abolição negra, ela representa a resistência construída no Quilombo dos Palmares, e que tem no dia da morte de Zumbi dos Palmares, 20 de novembro de 1695, um período marcadamente ímpar, em seu combate ao sistema político, cultural e canônico vigente de escravização. Quanto a abolição da escravatura, de 13 maio de 1888, a forma dominante de pensar veicula pela mídia (em novelas, filmes, etc.) como um ato de benevolência da aristocracia e demais abolicionistas brancos, e procuram deixar subentendido que não houve resistência e o/a negro/a precisa ser aliado e/ou estar protegido por um/a branco.

Comemorar o mês de novembro como da consciência negra e o dia 20 como estopim é resultado de uma intensa luta do movimento negro e de intelectuais negros/as. Mas ainda as questões africanas e afrobrasileiras dificilmente são trabalhadas de modo integrado, interdisciplinar, plurirracial, antiracista, multicultural. (SILVA, 2001)

Uma das lutas dos Estudos Culturais é para que os significados e valores sócio-culturais sejam construídos por todos e não por poucos privilegiados, havendo a necessidade, portanto de ser “continuamente redefinida pela prática de todos os seus membros, e não... produzida por poucos e vivido passivamente pela maioria.” (CEVASCO, 2008)

Tendo por objetivo dialogar com educadores questões concernentes as relações raciais e culturais em sala de aula, alguns procedimentos são adotados. O corpus de análise foram dois educadores de duas escolas de ensino básico na cidade de Alagoinhas, interior da Bahia. O recorte é feito com educadores do Ensino Médio da disciplina Língua Portuguesa. Uma das escolas é pública estadual e está localizada no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

bairro Thompson Flores, próximo ao Silva Jardim e Barreiro. A outra escola é particular, situada no Centro da cidade.

As entrevistas são realizadas, respectivamente, nos meses de agosto e novembro de 2010. Para tal alguns suportes foram utilizados, bloco de notas e máquina digital. O critério de escolha foi geográfico, regiões central e periférica da cidade, e os professores/as entrevistados/as foram os que estavam nos dias em que fui informada pela diretora que teria AC (planejamento de aula) e que seria um momento propício para encontrar os/as professores/as.

O professor e a professora entrevistado/a tem especialização na área de Letras e responderam a questões referentes a carga horária, currículo mínimo, material pedagógico, educação e relações raciais.

A primeira entrevistada, de uma escola pública do Thompson Flores, responde com muitas interrogações, destacando o que concerne a currículo e a discussão com a temática racial. “Como se faz para trabalhar literatura negra já que a carga horária é curta, o currículo fechado e não se tem material na escola?”, indaga. Quando a pergunta passa pelo curso de capacitação informa que “na escola foi oferecido o curso, mas para os professores da área de História, pois não tinha vaga para professores de Língua Portuguesa.”. E completa afirmando que no anterior a este curso, para poder se inscrever tinha que ser professor do município de Alagoinhas.

Ela pontua que não tem a mínima noção de como começar o trabalho com os *Cadernos Negros*. No que tange trabalhar as relações raciais em sala de aula, pontua que discute quando traz Castro Alves, Cruz e Souza e Machado de Assis. Em relação a recepção dos temas referente a negritude, assegura o preconceito ainda ser grande, principalmente em relação a religião e as políticas de ações afirmativas.

A segunda entrevista é feita com um educador de uma escola particular no Centro de Alagoinhas. Correspondente a um evento na escola, que tinha em seu cerne identidade negra, colocando-se como um dos educadores responsáveis depõe que:

Não aconteceu e não acontece da melhor forma, os estudantes leem seja o poema ou o livro, uns decoram, mas o tempo para discussão é muito pouco. Há muito conteúdo para passar e acaba virando apenas ensaios para apresentação. Muitos não sabem nem o que estão falando.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

E retoma as perguntas anteriores comentando que os maiores empecilhos são a carga horária e material de apoio pedagógico. E continua o raciocínio. “O candomblé é tabu, nem sequer foi mencionado em eventos aqui na escola.” Mediante as concepções e os depoimentos acima, decorrente a Lei 10639/2003, a temática negra na literatura não é mais vista como “ser inimaginável”, mas ainda, um “objeto diferente”.

Na tentativa de conversar com um(a) educador(a) de uma escola de nível médio e técnico, interpelada por uma professora da área de história que é categórica ao afirmar que “Estamos no período final do ano letivo, não temos tempo para trabalhar com estes assuntos.”. Esta afirmação remete a algumas hipóteses. A primeira delas metonimicamente expressa o que porventura está enraizado no imaginário de muitas pessoas, outrora habituadas a reproduzir preconceitos e conceber enquanto “verdade”, construções sócio-histórias negativas a respeito da identidade negra na sociedade.

A outra hipótese corresponde ao lugar de fala da professora, da área de história e a temática africana e afro-brasileira relacionada a “estes assuntos” aponta para possíveis dificuldades sobre currículo/planejamento. E, conforme apontado, também corresponde a carga horária, material didático, capacitação profissional, ideologia. Ainda tendo obstáculos visíveis, têm-se a necessidade de minimizar distâncias entre a importância de novos olhares para as questões raciais e culturais, referendadas pela Lei 10.639/2003, e o real, o cotidiano escolar e a vivência individual e coletiva.

Também é percebido que frequentemente se trabalha as questões das africanidades e afrobrasilidades em períodos específicos e comemorativos como o mês de novembro. Geralmente na semana do dia vinte. Fato este que transforma aspectos fundamentais que dizem de vida, identidade, memória, história, arte, como questões que compõe o currículo turístico, ou seja, quando são temas trabalhados a partir de perspectivas de distanciamento, exotismo, ou atividades isoladas em datas específicas. (SANTOME, 2003, p. 173) Só se é negro/a na semana de consciência negra? E depois, de que forma se vê representado/a o/a estudante, o/a educador/a e demais cidadãos negros/as e afro-brasileiros/as, integrantes do sistema educacional?

Embora reconhecendo as limitações dos livros didáticos, muitos/as professores/as preferem adotá-los, seja devido a dificuldade em recursos extras para textos complementares, também para otimizar o tempo de preparo das aulas. (CORACINI, 1999). No trabalho de campo, dialogando com professores/as de língua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

portuguesa e devido as experiências, percebe-se que a utilização de apostilas e textos é usual mas, na maioria dos casos, reproduzem e reforçam o viés etnocêntrico abordado nos livros didáticos.

Esta consideração está em conformidade ao comentário de SYSS (2009) quando afirma que para mudar o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira não bastaria o conteúdo. Ele continua dizendo que é necessário que o professor seja formado adequadamente (cursos de graduação, especialização, extensão, formação complementar, outros) e que se busque trabalhar com a subjetividade. Com destaque a importância do “arrombamento” ao etnocentrismo genocida na construção de sentidos, apreçados pela indústria cultural, mídia, religião, escola, família, e outros.

Alguns dos desafios ao se trabalhar uma educação anti-racista e anti-discriminatória... é o de trabalhar no horizonte das identificações híbridas (visando) não essencializar as diferenças nem diluir as diversidades. (CANEN, 2001, p. 70)

Antes de tudo é fundamental que as africanidades e negritude sejam tidas como algo de valor que diz respeito ao contexto dos educadores. Isto para que não se verem obrigados a trabalhar e percebam a importância e sintam-se motivados a conhecer e discutir em sala, seja as religiosidades de matriz africana; a poesia negra e suas interfaces com a estética corporal, rítmica, o *axé* com o qual as palavras vividas podem ser retratadas, os códigos linguísticos, ideológicos de um fazer e querer sempre multifacetado. (SISS, 2009)

Dentre outros problemas percebidos para a efetivação da Lei 10639/2003 e o cumprimento das ações afirmativas, duas são estruturantes, aponta AMANCIO (2006), a ainda reduzida disponibilidade de material didático adequado em mercados editoriais e a necessidade de profissionais especializados para o tratamento das históricas e culturas africanas e afro-brasileiras. (AMANCIO, 2008, p. 39)

1.1 RASURANDO OS LIVROS DE CABECEIRA DA CRÍTICA⁵

O livro didático não é único, mas é um instrumento pedagógico de uso sistemático, que entre escolas tradicionais contemporâneas, em sua grande maioria, é atrelado a políticas de educação que ainda não foram repensadas... ele cria referências para o aluno. Se a referência é positiva, o aluno guarda essa referência e a incorpora ao seu cotidiano. (SILVA, 2001, p. 15)

⁵ Parodiando o texto de Eneida Maria de Souza. *Os livros de cabeceira da crítica*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Objetivando fazer um mapeamento prévio de que forma a poética negra está sendo abordada nos livros didáticos de Literatura do Ensino Médio, é feita uma análise em três livros didáticos de *Literatura Brasileira* dos autores José de Nicola, William R. Cereja e Thereza C. Magalhães e a Enciclopédia do Estudante de Literatura em Língua Portuguesa.

Tendo como contrapontos e diálogos, referências de pesquisadores/as preocupados/as com a poesia negra, dentre os quais, Roger Bastide (1973), David Brookshaw (1983), Zilá Bernd (1992), Benedita G. Damasceno (1988); e multicultural, Ana Canen (2001) e Tomaz Tadeu da Silva (2001).

Para melhor delimitar o campo, o recorte da análise foi dado a poesia. Castro Alves, Cruz e Souza e Jorge de Lima, autores que fazem parte do Romantismo, Simbolismo e 2ª fase do Modernismo, figuram como centrais na discussão de questões relativas ao negro. Ressalta-se que os poetas apontados têm nos seus textos, imagens/vozes do negro como “o outro”, excetuando Cruz e Souza. Cabendo destacar a perplexidade do viés racial na obra deste autor, conforme posteriormente será abordado.

Conhecido por “poeta dos escravos”, Castro Alves (1847-1881), baiano, inaugurador da poesia engajada no Brasil (CEREJA & MAGALHÃES, 2000), tem poesias em que a causa negra em especial vinculada a escravidão e ao desejo abolicionista são pauta. Em *O navio negreiro*, contida na obra *Os escravos*, conjuntamente a *Vozes d’África*, têm-se composições abolicionistas. As abordagens destas poéticas no livro didático de William Cereja e Thereza Magalhães são paralelas a música e ao cinema. Por conseguinte este livro dialoga a poesia condoreira de Castro Alves com a canção *Haiti*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil; o filme *Amistad*, de Steven Spielberg e os “negros em movimento” como Carlinhos Brown e Timbalada.

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

E voam mais e mais.(...) (ALVES. In CEREJA & MAGALHÃES, 2000)

Conforme se percebe no discurso de Castro Alves, têm-se uma voz abolicionista, mas como expectador ou diretor de uma peça de teatro usando “estilo eloqüente, imagens e linguagens grandiosas, imbuídas sobremaneira de dramaticidade”, o que corrobora com o discurso da militante negra pernambucana Inaldete Pinheiro ao afirmar que “só a emoção habitava no negreiro e nossa reação era omitida” (D’ACELINO, 2002, p. 33). Características estas presentes na poesia condizentes com a vivência do poeta. (ENCICLOPÉDIA, 2008: 90) Tratava o tema do oprimido a partir do ponto de vista da classe a que pertencia, num misto de idealismo e medo. O ideal é a integração do negro “ao mundo dos brancos”, devendo saber seu papel na sociedade e como deve obediência ao seu “senhor”. O medo é o que representa o “poder” das massas, quando se une em combate contra alguma exploração. (BROOKSHAW, 1983)

Em contrapartida, Luiz Gama e Solano Trindade são autores negros com os quais iremos dialogar para confrontar o estudo com o cânone. As contranarrativas e subjetividades, diretamente relacionadas a maneiras de eles estarem (in)visíveis nos livros didáticos.

Luiz Gama (1830-1882), poeta mestiço, baiano, de mãe africana, negramilitante Luísa Mahin, uma das líderes na Revolução dos Malês e de pai branco, afortunado, mas que contrai dívida e o vende, ainda criança. Gama, ainda aos dez anos, sofre as mazelas da escravidão. “Orfeu de carapinha”, como se denomina, com sua profissão e militância ajuda a alforriar mais de 500 pessoas. (DAMASCENO, 1998) Inaugura na poesia brasileira um eu-poético negro afirmativo. E, mesmo com potencial artístico-literário, tem a “sorte” diferente da do seu conterrâneo. Não propondo extirpar a voz de Castro Alves, mas pensa-se ser lícito o seguinte questionamento. Por que Luiz Gama, poeta negro-abolicionista, não se encontra presente nos livros de literatura brasileira do Ensino Médio?

Se negro sou, ou sou bode,
Pouco importa. O que isso pode?
Bodes há de toda casta,
Pois a espécie é muito vasta...
Bodes negros, bodes brancos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Bodes sábios, importantes
E também alguns tratantes...
Gentes pobres, nobres gentes
Em todos há meus parentes. (...)

Pois se todos têm rabicho,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse pois a matinada,
Porque tudo é bodarrada! (GAMA. In: BERND, 1992, p. 20-21.)

Diz-se que “Trovas Burlescas”, seu poema satírico, é um divisor de águas na literatura brasileira, fundando uma linha de indagação sobre a identidade. (BERND, 1992, p. 19) Tendo como um de seus representantes o romancista José de Alencar. A literatura brasileira, justamente no período do Romantismo, que buscara afirmar uma identidade nacional pautada em valores nativos, indianistas, mas essencialmente eurocêntricos.

Assinalam os lugares em que o molde europeu, combinando-se à matéria local, de que Alencar foi simpatizante ardoroso, produzia contrassenso. Pontos, portanto, que são críticos para a nossa literatura e vida, manifestando os desacordos objetivos — as incongruências de ideologia — que resultavam do transplante do romance e da cultura europeia para cá. (SCWARZ, 2000, p. 39)

Roger Bastide questiona a africanidade de Gama devido a referências diretas que o poeta faz a símbolos cristãos. Sabe-se que a religiosidade católica era a predominante no país, instituída como oficial e que seria uma atitude assaz delicada optar civilmente e literariamente por uma religião distinta da oficial. Por esta razão, Gama não evidencia um diálogo possível com religiosidades de matriz africana, efetuado posteriormente por Jorge de Lima e Solano Trindade. Em contrapartida, traz faces do islamismo, herdado de sua mãe, Luísa Mahin, entrecruzando a uma ferrenha crítica e subversão do signo linguístico *negro*.

A palavra *bode*, jogada em Luiz Gama como uma pedra sob o signo da negatividade, é arremessada de volta, similar a um bumerangue. De sinal invertido passa a sentido positivo, chamando de *bode* tanto o/a afro-descendente e/ou o/a negro/a, quanto a todos/as brasileiros, mediante a assertiva de que todos/as “nobres, plebeus” têm descendência negra. Semelhante revolução na linguagem, posteriormente, realiza



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Aimé Césaire, ao retirar o estigma negativo da palavra *négre* e patentear com isto o movimento *Negritude*.

Como poeta lírico, Luiz Gama é o primeiro poeta a cantar o amor por uma mulher negra, exaltando sua beleza, “cor da noite”, “Tehtis negra”, mas também, reforçando o estereótipo de prostituta e/ou sexualmente desenfreada, “traduz lascívia... coisa de sentir”.

Meus amores são lindos, cor da noite.
Recamada de estrelas rutilantes;
Tão formosa crioula, ou Tehtis negra
Tem por olhos dois astros cintilantes.

A cabeça envolvida em núbia trunfa,
Os seios são dois globos a saltar;
A voz traduz lascívia que arrebatava,
— É coisa de sentir, não de contar. (...)

(GAMA. In: DAMASCENO, 1988, p. 45)

Cruz e Souza (1861-1898) é um escritor dos paradoxos, tanto em sua forma de viver, quanto em sua literatura. O que durante muito tempo, se ouve e lê sobre ele, é sua obsessão pela cor branca e a negação da identidade negra. Também, que o fato de ser negro, o dilacerava, devido a inferiorização e discriminação sociais. Portanto, a negritude é uma questão com a qual ele não tem apreço em trabalhar. Percebe-se nos livros didáticos esta afirmação. Será que mediante tantas implicações causadas por sua descendência, o fato de ser afro-descendente não está ao menos implícita em sua obra?

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras
Formas do Amor, constelarmante puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas... (SOUZA. In: NICOLA, 1985, p. 138)

“Cisne negro” ou “dante negro” nasce em Desterro, atual Florianópolis e é filho de um mestre de pedreiro e uma lavadeira, escravizados alforriados. Criado pelos senhores de seus pais, tendo portanto, uma educação burguesa e branca. Jornalista e militante abolicionista, estreia como poeta aos 24 anos, com a publicação de *Tropos e Fantasias*. E, de maneira similar ao que aconteceria aos intelectuais da *Negritude*, Leopold Senghor, Aimé Césaire e Leon Damas, apesar de grande conhecimento da cultura, história, filosofia ocidental ganha salário inferior a de seus colegas brancos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mesmo sendo o precursor do simbolismo no Brasil, relacionado diretamente ao movimento francês, que tem bastante relevância para nortear o cânone brasileiro, conforme já tem sido discutido, com Paul Verlaine, Nicolas Rimbaud, Stéphane Mallarmé, Cruz e Souza morre desconhecido e pobre. (ENCICLOPÉDIA, 2008: 130, 138)

Respondendo a questão anterior, a vivência de tamanha exclusão e dor provavelmente apareceria em sua literatura. Aspecto que ele destaca em “Emparedado”. Dos livros didáticos averiguados, apenas um apresenta esta poesia, de cunho crítico, relacionada a questões raciais e ideológico-subjetivas.

Uma das obras traz que “sua produção inicial fala da dor e do sofrimento do homem negro (evidentes colocações pessoais), mas evolui para o sofrimento e a angústia do ser humano.” (NICOLA, 1985, p. 138) Nesta afirmação percebemos como a condição racial, extremamente significativa e norteadora de diversas questões, materiais e existenciais, é considerada como questão secundária, já que grande parte dos críticos culturais não tem interesse na problematização do “racismo à brasileira”.

(...) Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, brancamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para trás, ah! ainda, numa derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo – horrível – parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto... (BERND, 1992, p. 31-32)

Roger Bastide comenta a mudança do tom de Cruz e Souza, inicialmente envolvido no simulacro da brancura, posteriormente, na complexidade do existencialismo humano.

Jorge de Lima (1895-1953), alagoano, poeta, fenotipicamente branco, romancista e médico é um escritor que tem em seus versos, marcas de discussões sobre o/a negro/a e a religiosidade católica. A crítica acerca do poeta é semelhante nas três obras, considerado autor de poesia engajada. Reflexo de sua história pessoal percebida pela memória de “um menino branco marcado por uma infância repleta de imagens dos engenhos e de negros trabalhando em regime de escravidão”. (NICOLA, 1985: 229) Em cuja poesia (que) denuncia a condição de exploração e marginalização...(dos) negros no país, consegue captar sua linguagem, sua alma, seu modo de pensar e agir.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(CEREJA & MAGALHÃES, 2000: 456). Há uma tentativa de ilustrar esta afirmação com o fragmento da poesia “Madorna de Iaiá”

Iaiá está na rede de tucum
A mucama de Iaiá tange os piuns
balança a rede,
canta um lundum,
tão bambo, tão molengo, tão dengoso,
que Iaiá tem vontade de dormir.
Com quem?
Ram-rem. (LIMA. In: CEREJA & MAGALHÃES, 2000: 456)

Vê-se presenças da africanidade, a oralidade, falares, musicalidade, mas algo fundamental como o protagonismo, o lugar de fala, é dado a Iaiá. Desta forma, o poeta capta o modo de pensar, de agir, desta mucama?

No mesmo período de Jorge de Lima temos Solano Trindade (1908-1974) artista, negro, conhecido como “poeta do povo”, que também não está presente em nenhuma das obras didáticas analisadas. Nasceu em Recife, filho de mãe quituteira e pai sapateiro, pesquisador de tradições populares brasileiras, teatrólogo, pintor, poeta. Fundou o Teatro Popular Brasileiro e, junto a Abdias do Nascimento, o *Teatro Experimental do Negro*. Diante tal gabarito é no mínimo estranho a maneira como Solano Trindade pouco é falado pela crítica literária. Considerando o fato que recebe elogios de personalidades consagradas, como o poeta Carlos Drummond: “Há nesses versos uma força natural e uma voz individual rica e ardente que se confunde com a voz coletiva.”

(...) - Eu...
cantei embolada,
pra sinhá dormir,
fiz tranças nela,
pra sinhá sair,
tomando cachaça,
servi de amor,
dancei no terreiro,
pra sinhozinho,
apanhei surras grandes,
sem mal eu fazer.

Eita! quanta coisa
tu tens pra contar...
não conta mais nada,
pra eu não chorar -

E tu, Manoel,
que andaste a fazer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- Eu sempre fui malandro
Ó tia Maria,
gostava de terreiro,
como ninguém,
subi para o morro,
fiz sambas bonitos,
conquistei as mulatas
bonitas de lá...

Eita negro!
- Quem foi que disse
que a gente não é gente?
Quem foi esse demente,
se tem olhos não vê. (TRINDADE, 1981, p. 30-31)

Como podemos perceber esta poesia de Solano denuncia a inferiorização do/a negro/a na sociedade e intercala suas ideias a referências de identidade no cotidiano, quer no espaço urbano, quer no rural, tanto de homens quanto de mulheres.

Esta comunicação denota a importância de se trazer poetas negros/as no cotidiano escolar, tanto pela rasura no currículo e livro didático quanto pela evidência que a educação e literatura precisam falar da vida em suas diferentes formas e significados.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, Louis P. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BERND, Zilá. *Poesia negra brasileira*, Porto Alegre: AGE: IRL:IGEL, 1992.

BHABHA, Homi. *Interrogando a identidade Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial*. In: O Local da Cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CANEN, Ana. *Relações raciais e currículo: reflexão a partir do multiculturalismo*. In: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Relações raciais e educação : a produção de saberes e práticas pedagógicas*. Niterói: Intertexto. (Cadernos PENESB nº 3), 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *A Língua Mina-jeje no Brasil : Um Falar Africano em Ouro Preto do Século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Secretaria de Estado da Cultura, 2002. p.128-129.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. *Literatura brasileira*. São Paulo: Atual, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2ª ed, 2008.

CORACINI, Maria José. O processo de legitimação do livro didático na escola de primeiro e segundo graus: uma questão de ética. In: *Interpretação, Autoria e legitimação do Livro Didático*, Campinas: Pontes, 1999.

D' ACELINO, Severo. *Panáfrica África Iya N'La*. Aracaju: MemoriAfro, 2002.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas, Pontes, 1988.

DERRIDA, Jacques. In: DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Enciclopédia do estudante: literatura em língua portuguesa: *Escritores e Obras do Brasil, África e Portugal*, tradutores Maria Célia Fortarel, Ricardo Lisías Aidar Fermino. São Paulo: Moderna, 2008. Enciclopédia do estudante: 14.

EVARISTO, Conceição. *Vozes mulheres*. In: SANTOS, Luiz Carlos dos. (org.). *Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos*. 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2005, p. 91.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardiã Resende...(et al). B.H.: Ed. UFMG; Brasília, 2003.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na escola*. 2. ed. revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NICOLA, José de Nicola. *Literatura Brasileira: da origem aos nossos dias*. 5 ed. São Paulo, Scipione, 1985.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.14.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 173.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Documentos de Identidade*. Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SISS, Ahyas. *Educação monocromática*. In: Revista EDUCAÇÃO, ano 12, nº142, fev.2009.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida - Por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

TRINDADE, Solano. *Cantares ao meu povo*. Ed. Brasiliense, 1981.

WERNECK, Jurema. *Nossos Passos Vêm de Longe*. In: Werneck, Jurema; White, Evelyn C. e Mendonça, Maisa (orgs.). *O Livro da Saúde das Mulheres Negras - Rio de Janeiro, CRIOLA/Pallas Editora, 2000.*